



Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal

v. 23 · 2022 · p. 56-66 · e-ISSN 3086-1438

O débito de Osho com Wilhelm Reich

Parte 2: as práticas

Osho's debt to Wilhelm Reich

José Felipe Rodriguez de Sá (1); Sandra Mara Volpi (2)

(1) Centro Reichiano · Salvador-BA · Brasil

(2) Centro Reichiano · Curitiba-PR · Brasil

Resumo

Quando o tema é Wilhelm Reich, torna-se difícil dimensionar a extensão da influência dentro e para além da comunidade terapêutica. Interessa-nos, sobretudo, como Osho e seus seguidores, os neosannyasins, desenvolveram a práxis reichiana em contexto extraoficial. Tratou-se primeiro da conexão íntima entre o neotantra e as metas e inquietações da segunda geração humanista. Foi através deles que as terapias neorreichiana e bioenergética migraram da Califórnia para a Índia. Ali inspiraram as terapêuticas do ashram de Osho, em Poona. Essa influência – legítima ou extraviada – está presente tanto nas controversas Meditações Ativas quanto no catártico e intenso Grupo de Encontro.

Palavras-chave: Osho; Psicologia Humanista; Psicoterapia; Tantra; Wilhelm Reich.

Abstract

When discussing Wilhelm Reich, it is difficult to measure the extent of his influence both within and beyond the therapeutic community. This article focuses particularly on how Osho and his followers, the neo-sannyasins, developed Reichian praxis in an unofficial context. It first examines the close relationship between Neo-Tantra and the goals and concerns of the second generation of Humanistic Psychology. Through these movements, Neo-Reichian and Bioenergetic therapies migrated from California to India, where they inspired the therapeutic practices developed at Osho's ashram in Poona. This influence—whether considered legitimate or distorted—can be observed both in the controversial Active Meditations and in the cathartic and intense Encounter Groups.

Keywords: Osho; Humanistic Psychology; Psychotherapy; Tantra; Wilhelm Reich.

Introdução

É difícil dimensionar o que a vida e obra de Wilhelm Reich representam para a comunidade terapêutica. O analista que primeiro trouxe a Psicanálise para o corpo de forma concreta, visível. O intelectual revolucionário, criador da primeira síntese

consistente entre Marx e Freud. O cientista natural, na aventura quixotesca de provar que sim, existe uma energia bio-cosmo-uno-sexual: o orgônio. Todos esses “Reichs” deixaram uma vasta produção a ser lida, discutida, testada, reexaminada e questionada, por anos a vir.

Menos estudado, em círculos Reichianos, é como a orgonoterapia desenvolveu-se em contextos extraoficiais. Interessa-nos, sobretudo, como Osho e os seus seguidores – os neosannyasins (1) – repensaram e redimensionaram o legado de Wilhelm Reich. Se tomarmos o levantamento histórico de Young (2006, 2008, 2010, 2011) como referência, o mestre indiano teve pouco reconhecimento pelo seu know-how psicoespiritual. A ênfase continua nos excessos do neotantra, e não nas suas contribuições positivas na criação de uma práxis (teoria + prática) para-reichiana.

Esse trabalho, continuação do de Sá (2022), tem uma série de metas. A primeira é estabelecer um link sólido entre a Psicologia Humanista e o neotantra de Osho. O neotantra foi uma resposta natural ao progresso técnico e espiritual do humanismo. Em segundo lugar, pontuar como a participação de terapeutas pós-Reichianos ligados ao Human Potential Movement foi vital para a evolução e consolidação do neotantra. Dá-se destaque à carreira de Laura “Aneesha” Dillon, criadora da Pulsation Therapy. Terceiro, fazer uma breve apresentação da célebre Meditação Dinâmica de Osho e sua conexão com a terapêutica Reichiana. Por fim, o polêmico Grupo de Encontro. De sua dimensão libertadora, herdeira das raízes Reichianas, assumiu um tom sombrio, transformando-se em ferramenta fascistóide de controle mental.

A terceira força

A Psicologia Humanista nasceu como ato de resistência à Psicanálise e ao Behaviorismo. A Psicanálise, criada do modelo médico, entendia o homem a partir da doença. Já o Behaviorismo tinha um campo de ação limitado. Era eficiente para demandas focais, mas não atendia às questões existenciais de seus pacientes. Aos olhos de Abraham Maslow e Carl Rogers, os grandes teóricos do humanismo, o modelo de saúde mental das duas era o sonho de consumo da classe média: casa, família e dinheiro na conta. Ou seja: o “cidadão de bem”, amigo e colaborador do status quo. Era necessária uma alternativa à Psicanálise e ao Behaviorismo, uma “Terceira Força” que priorizasse a autorrealização, a expansão de consciência e a transcendência. Uma psicologia livre da ideia de que qualquer tipo de infelicidade era “normal” (SENTIS, 2013).

A Psicologia Humanista se tornaria um movimento com a fundação do Instituto Esalen, o centro irradiador de seu credo e cultura. Esalen começou quando Michael Murphy e Richard “Dick” Price, inspirados pelos ensaios de Aldous Huxley, instalaram-se no Big Sur, Califórnia. Tinham como missão criar um espaço para conversar sobre o poder que as substâncias psicodélicas possuíam para expandir os limites da consciência humana. Os seminários de Esalen logo atraíram os grandes nomes do movimento psicodélico. Entre eles Timothy Leary, o “guru” do LSD da década de 1960; Stanislav Grof, criador da Respiração Holotrófica; Carlos Castañeda, autor do bestseller A erva do diabo; John Lilly, inventor do tanque de isolamento. A dupla logo investiria na Psicologia, organizando conferências para B. F. Skinner, Abraham Maslow e Carl Rogers. Foi assim que começou o Human Potential Movement (Movimento do Potencial Humano), o braço extra-acadêmico da Psicologia Humanista (SENTIS, 2013).

O Instituto Esalen chegou à sua potência máxima com a chegada de Frederick Salomon “Fritz” Perls, criador da Gestalt-terapia. Perls foi a figura central da cultura terapêutica do HPM, quiçá o neotantra de Osho. Antes um psiquiatra psicanalista, Perls pôs de lado os jogos intelectuais de interpretação do freudismo. Tirou os sentimentos e as sensações do corpo do lugar de “fundo” da psicoterapia; fez deles a “figura” da clínica. (2) Outra quebra de protocolo foi abrir mão do modus operandi retrospectivo-biográfico, essa “arqueologia do sofrimento”, sempre à procura, no passado, pela origem das neuroses. Diferente disso, o foco de Perls era o “aqui e agora”. A partir dessas diretivas criou técnicas poderosas: o diálogo entre polaridades internas (topdog e underdog), a encenação teatral de sonhos, o hot seat etc. (SENTIS, 2013).

Temos, aqui, o primeiro sinal da importância de Wilhelm Reich para o Human Potential Movement. Perls (1979), quando ainda um aspirante a psicanalista, teve Reich como analista, por quem teve admiração. Na sua autobiografia, Fritz contou a sua experiência de analisando:

Reich era vital, vivo, rebelde. Ávido por discutir qualquer situação, especialmente política e sexual; e ainda assim, é claro, ele analisava e fazia os usuais jogos de justificativas genéticas. Mas, com ele, a importância dos fatos começa a definir. O interesse nas atitudes passou mais para o primeiro plano. Seu livro, *A Análise do Caráter*, foi uma contribuição fundamental (PERLS, 1979, p. 54, grifo do autor).

Ainda segundo Perls (1979), a grande contribuição de Wilhelm Reich foi a de colocar o corpo de volta ao setting terapêutico. (3) Ao pôr o divã de lado, Reich foi o primeiro

analista a entrar efetivamente em contato com o paciente. O corpo do paciente e o corpo do médico já não estavam mais escondidos, sendo agora coadjuvantes – quiçá o ator principal – no processo de terapia. A técnica da análise do caráter e a sua descoberta da couraça muscular foram outro marco. Ele trouxe para o corpo a noção de resistência, antes uma mera abstração, apenas um conceito.

Zorba, o Buda ou Osho entra em cena

Apesar de tantos avanços, o Human Potential Movement não tardou a enxergar seus limites. Um novo horizonte foi aberto com as “tecnologias espirituais” da Ásia: o yoga, o zazen e os ditos e escritos dos mestres Orientais. Foi o que os levou à porta do antiguru Bhagwan Shree Rajneesh, futuro Osho, o bibliófilo e professor de filosofia que se tornaria o “mestre vivo” de toda uma geração. Além de estar a par das novidades da psicologia ocidental, Osho abraçava uma ideia revolucionária: a de que viver livremente a sexualidade era um caminho espiritual legítimo. Foi um dos motivos de ser taxado de o “guru do sexo” pelos críticos conservadores (SENTIS, 2013).

No verão de 1974 Osho se instalou em Poona, a poucas horas de Mumbai, a maior cidade da Índia. Lá, fundou o seu ashram, em pouco tempo um point terapêutico internacional. Muitos visitantes de Poona “vestiram o laranja”, principalmente a nata da segunda geração humanista. Eles tiveram um considerável impacto sobre o futuro do neotantra, no papel de líderes dos grupos terapêuticos (Tabela 1). Esses novos humanistas incluíam Michael Barnett, fundador dos maiores centros de crescimento pessoal da Europa: o Kaleidoscope e o Community. Barnett ganhou destaque por ser o autor do livro *People not Psychiatry*, uma crítica ácida à psiquiatria tradicional. Alan Lowen, doutor em Psicologia pela Oxford, assumiu a liderança da Community depois de Barnett. Jan Foudraïne, autor do manifesto *Quem é de pedra?* (1973), é outro marco da antipsiquiatria. Paul Lowe foi fundador do Quaesitor, a “Esalen” inglesa. Robert Birbaum foi diretor do centro terapêutico Odyssey. O Dr. Deni Yuson e a sua esposa Lena dirigiram o Phoenix House de Londres, baseada na sua matriz novaiorquina. Enfim, o intercâmbio entre o Human Potential Movement e Poona foi tão intenso que chegou ao ponto do ashram ficar conhecido como a “Esalen Oriental” (SENTIS, 2013).

****Tabela 1 – Formação humanista dos líderes de grupo neotântricos****

Nome	Neosannyasin	Grupo(s)	Formação
Michael Barnett	Swami Anand Somendra	Leela, Awareness	Antipsiquiatria

Nome	Neosannyasin	Grupo(s)	Formação
Alan Lowen	Swami Anand Rajen	Gestalt, Samarpan	La Jolla (c/ Carl Rogers)
Deni Yuson	Veeresh	Primal, Encontro	Phoenix House
Paul Lowe	Swami Ananda Teertha	Gestalt, Samarpan, Encontro	La Jolla (c/ Carl Rogers), Fritz Perls
Robert Birbaum	Swami Prem Amitabh	Tao	Aluno de Carl Rogers e Fritz Perls
Jan Foudraïne	Swami Deva Amrito	Encontro	Antipsiquiatria

Fonte: Sentis (2013)

Bioenergética

Apesar de grande, a influência de Reich em Esalen foi sentida de forma indireta. Era um Reich “humanista”, o do Big Sur: divorciado da psicologia médica, vivenciado em grupo, com fé no potencial humano. Dos seguidores de Reich que fizeram história em Esalen, o maior deles foi Alexander Lowen, criador da Bioenergética. Sua versão da vegetoterapia era uma série de exercícios de respiração e estresse corporal que facilitavam uma catarse física e emocional. A Bioenergética e outras terapias neorreichianas logo foram incorporadas ao repertório terapêutico de Poona (Tabela 2). Paralelo a isso, notáveis do universo Reichiano foram ver de perto as inovadoras tecnologias psicoespirituais do ashram. Um deles foi W. Edward Mann, autor de **Eros, Reich & Energia** (1989). Outro foi David Boadella, biógrafo de Reich e criador da Biossíntese (SENTIS, 2013). Boadella (1980, 1987) foi um neosannyasin por dez anos, até entregar o mala⁶ em protesto pelos descaminhos do movimento Rajneesh.

Laura “Aneesha” Dillon foi discípula de Charles R. Kelly, criador do Radix Institute na Califórnia. Ex-aluno de Wilhelm Reich, Kelly inovou ao adaptar a terapêutica Reichiana para o contexto de grupos e casais. A carreira de Dillon (2013) cresceu a olhos vistos: começou a fazer trabalhos em Esalen e o próprio Dick Price convidou-a a morar no Big Sur para ali trabalhar em tempo integral. Foi Laura quem introduziu a terapia Neo-Reichiana do Radix Institute na Europa, especialmente nos centros humanistas Quaesitor e do Community.

Como muitas terapeutas de sua geração, a comuna pós-humanista de Osho capturou a imaginação de Laura. Ela ali chegou em novembro de 1976 e foi prontamente rebatizada, sendo conhecida como Aneesha dali em diante. Aneesha foi convidada a trabalhar no

ashram e, no espaço de um ano, Osho fez um pedido a ela: que começasse o seu próprio grupo, o Anatta. Com o seu background terapêutico, Aneesha tentava criar uma sensação de “vazio” nos participantes, parecido ao estado budista de transcendência do ego. É nítida a mudança de foco. Da descarga energética e emocional, tipicamente Reichiana, Dillon (2013) passa a trabalhar com a expansão da consciência. Seguem-se outros grupos: The Body e, depois, o Pulsation. O último usava exercícios de contração e expansão muscular no corpo inteiro para liberar a energia dos diversos segmentos da couraça.

O acúmulo da experiência nos círculos humanistas, somado à tutoria sob Osho, culminou na criação da Pulsation Neo-Reichian Therapy. Segundo Sentis (2013) é a única terapia, até o momento, que inclui uma visão transcendente do ego, a tradicional visão psicodinâmica do sofrimento humano, através de técnicas de descarga emocional. O conhecimento e a técnica acumulados de Reich, Lowen e Charles Kelley sintonizados à meditação, estabelecem um novo tipo de relação mente-corpo, com foco no pulsar do organismo vivo, o indicativo-mor de vitalidade. É o pilar do qual Dillon (2013) estruturou a sua Osho Pulsation. Ele absorveu do mestre a ideia de que a catarse terapêutica é uma condição **sine qua non** para uma meditação bem-sucedida. A Pulsation se espalhou por cinco continentes, incluindo Índia, Alemanha, Holanda, Dinamarca, Brasil, Turquia, Japão, Coreia, Israel, Austrália e Inglaterra.

****Tabela 2 - Formação em psicoterapias corporais dos líderes de grupo neotânticos****

Nome	Neosannyasin	Grupo(s)	Treinamento
Laura Dillon	Aneesha	Anatta, The Body, Pulsation	Charles R. Kelley (Radix Institute)
Lena Yuson	Sudha	Tantra	Bioenergética c/ Gerda Boyesen
S/N	Geetesh	Assistente de Divya no Primal	Biossíntese c/ David Boadella
S/N	Swami Prem Prasad	Centering	Psicoterapia Corporal c/ Gerda Boyesen, Stanley Keleman, John e Eva Pierrakos
Paul Lowe	Swami Ananda Teertha	Meditação Ativa	Bioenergética c/ Alexander Lowen
Sharon Hancock	Vasumati	Tantra, Energy Work	Bioenergética c/ Gerda Boyesen

Fonte: Sentis (2013)

Meditação ativa

Para os terapeutas ocidentais, a Meditação Dinâmica (ou Caótica) foi o plus do neotantra. Na essência, ela é um misto de catarse e meditação, uma fusão do melhor que o Ocidente e o Oriente ofereciam naquele momento. Osho argumentava que as técnicas tradicionais de meditação foram feitas há 2.500 anos; o homem moderno precisava de algo mais. Precisava, primeiro, passar pela “terapia de choque” da catarse, para aliviar as suas tensões, neuroses, traumas. Só depois dessa “purificação” intensa ele poderia mergulhar no silêncio interior da meditação (SENTIS, 2013).

Sentis (2013) é enfático quanto à importância da Meditação Dinâmica:

...de longe a contribuição mais importante para a evolução da consciência no planeta, e quiçá pelo que será lembrado na história da humanidade, foram os seus métodos radicais de meditação ativa, especialmente a Meditação Dinâmica e [a] Kundalini. Estes métodos representam a mais depurada combinação técnica entre terapia e meditação, onde o praticante tem a possibilidade de praticar e expressar os aspectos emocionais reprimidos de sua psique para identificar-se no vazio interior (SENTIS, 2013, p. 295-6, grifo do autor, tradução nossa).

A Meditação Dinâmica é feita em cinco estágios, durando uma hora no total. Pode ser praticada em grupo ou sozinho(a). Como a mente hiperativa contemporânea é facilmente distraída, Osho (1980/2004) recomendou atenção plena durante todo o processo. Os seus sannyasins deveriam testemunhar todas e quaisquer mudanças e transformações no complexo mente/corpo.

1. ****Estágio 1 (dez minutos):**** Respiração rápida e o mais irregular possível, sem um ritmo pré-determinado.
2. ****Estágio 2 (dez minutos):**** Estágio da catarse. Gritar, chorar, rir, pular, dançar – tudo é válido para que a pessoa se sinta à vontade. O intuito / a ideia é libertar-se da tirania do olhar alheio e, pior ainda: do autojulgamento. Com essa negatividade jogada fora, fica mais fácil entrar no estado de atenção plena.
3. ****Estágio 3 (10 minutos):**** Pular e berrar “Ru!” sem parar, com os braços erguidos e apoiando-se sempre na planta dos pés. Esse som, “Ru!”, serve de mantra para estimular a energia do centro sexual.
4. ****Estágio 4 (15 minutos):**** É fase do “brincar de estátua”: os sannyasins ficam imóveis, em total silêncio. Difícil, todo tipo de incômodo é sentido nesse estágio: coceiras,

formigamento, dormência nos membros, vontade de tossir até mesmo náusea e dores de barriga. Não se gasta energia tentando amenizar o mal-estar; ele traduz a química interna do corpo alterada pela agitação da Meditação Dinâmica. É preciso ter paciência e prestar atenção nos detalhes, nas sensações. Claro que não há necessidade de exageros. Se os incômodos persistirem, é importante procurar assistência médica.

5. ****Estágio 5 (15 minutos):**** O estágio final é de celebração. É para dançar e expressar alegria com música. Deve-se expressar gratidão pela vivência da Meditação Dinâmica e carregar consigo esse sentimento positivo o quanto puder.

Como tudo do neotantra, a Meditação Dinâmica foi cercada de polêmica. Conta Vadya (2017) que Osho meditava com seus seguidores no Monte Abu, Rajastão, na fronteira com o Paquistão. Numa das sessões da Meditação Dinâmica, durante o estágio da catarse, o mestre orientou os seus neosannyasins a jogar “tudo” fora. Tudo o que pesasse neles era para ser descartado. No calor do momento, algumas discípulas entenderam as instruções do mestre de forma bem literal: jogaram, também, as suas roupas fora. O evento já tinha sido notícia no país inteiro, para o desgosto dos políticos locais (VADYA, 2017, p. 30).

Grupos de encontro: da liberdade à opressão

Discuti a necessidade de um artigo como esse, com Eva Reich [...]. Nós dois, enquanto viajavamos de um lugar para outro, ouvimos muitos relatos de comportamento violento em grupos que, embora justificados como uma forma de “terapia” de vanguarda, eram, na verdade, um novo tipo de fascismo. [...] Não me é mais possível fazer vista grossa ou me calar para o tema da violência na terapia (BOADELLA, 1980, p. 5, tradução nossa).

Dos grupos do ashram, o mais notório era o Grupo de Encontro. A sua estratégia era a do confronto, franco e direto. Ataques verbais e físicos eram encorajados para levar os participantes ao limite a fim de esmagar as suas defesas e esgotar as suas resistências. Depois disso, os neosannyasins estariam livres para expor os seus medos mais íntimos. O processo todo durava uma semana; os residentes comiam e dormiam na sala, estando em contato praticamente 24 horas por dia (SENTIS, 2013).

Os Grupos de Encontro eram uma ferramenta poderosa para atacar o inimigo-mor do MHP: o condicionamento. Implantados (principalmente) pela família, os condicionamentos são “antolhos” mentais, cabrestos religiosos, políticos e filosóficos. Têm por objetivo criar zonas de conforto ao ditarem o que é bom e ruim, o bonito e o feio, o saudável e o doentio. Dão uma sensação de segurança, ao mesmo tempo em que limitam a nossa liberdade de ação, de ser, de poder. Com eles, estamos fadados a viver vidas não vividas, reprimidas e

inautênticas (SENTIS, 2013).

Wilhelm Reich foi um precursor das terapias de alto impacto, entre elas o Grupo de Encontro. Reich (1998, p. 85) admitia que a análise do caráter “provoca emoções violentas” e não raro “cria situações perigosas”. Certas neuroses não podem ser resolvidas por “meios suaves”, explica (Ibid., p. 86). A diferença, apontou Boadella (1980, 1987), é que o despejo catártico de emoções negativas conduzido por Reich e seguidores foi sempre feito de forma segura, num ambiente acolhedor. Essas condições mínimas de trabalho são postas em risco quando, num contexto de terapia grupal, o facilitador não conhece a fundo o seu complexo de poder. Nessas circunstâncias, os abusos de autoridade se tornam notórios e frequentes. A aptidão pela violência de várias ordens – física, verbal, psicológica, sexual – também. Foi o que aconteceu nos Grupos de Encontro do ashram: até mesmo estupros e ossos quebrados eram justificados em prol da iluminação espiritual.

Boadella (1980) lembra o caso da atriz Eva Renzi, emblemático do desastre-em-potencial da política do “vale-tudo” terapêutico dos Grupos de Encontro. Segundo Sentis (2013), Renzi foi encaminhada ao Grupo de Encontro quando chegou em Poona, devido à sua natureza raivosa e violenta. Renzi começou a sabotar o processo e, quando os outros integrantes apontaram isso, ela abandonou o grupo e o ashram. Teria “inventado” logo depois uma história no sentido acusando Swami Prem Amrito (Jan Foudraine) de tentar abusar dela. As demais testemunhas, participantes do grupo, corroboraram essa história. Boadella (1980) decidiu acarear os fatos do caso por conta própria. A versão oficial do ashram era consistente; apesar disso, Amrito admitiu depois que Eva Renzi foi, de fato, atacada. Boadella (1980) chegou à conclusão de que Renzi foi a provável vítima de um rat packing. Ou seja, é o que acontece quando o grupo (ou seu líder) escolhe um bode expiatório, alguém para extravasar toda sua hostilidade. Era uma situação relativamente comum no Grupo de Encontro do ashram, testemunhada por outros neosannyasins. Entre versões do fato e os fatos das versões, depois do escândalo Renzi a violência do Grupo de Encontro foi direcionada para as paredes acolchoadas das câmaras de terapia (SENTIS, 2013).

Considerações finais

Sob a orientação de Osho, uma nova geração de terapeutas embarcou na aventura de expandir as fronteiras da consciência humana. Com menos teoria e mais vivência, eles resgataram modos mais autênticos de serem suprimidos pelos condicionamentos da dita

sociedade civilizada. Era um novo paradigma de realização pessoal.

O novo homem da Nova Era precisaria de ferramentas para transcender seus velhos hábitos. A Meditação Ativa de Osho foi uma das várias tecnologias psicoespirituais para esse fim dentro do movimento neotântrico. Foram essas inovações para-reichianas, fruto da união entre as terapias corporais, a Psicologia Humanista e o misticismo oriental, que deram o tom das práticas terapêuticas de Poona.

Infelizmente, a selvageria despudorada do Grupo de Encontro mostrou o limite dos experimentos radicais de Poona. Quando foi que a guiança espiritual do grupo passou a ser um exercício sádico de poder? Quando é que ser livre e espontâneo confundiu-se com o gozo do sofrimento alheio? Osho estava ciente disso? Se sim, será que ele incentivava nos bastidores essa “pancadaria do bem”? Muitas perguntas, poucas respostas. O que se sabe: a história do neotantra e das terapias Reichianas não acabou, e sua trajetória ainda mudará muitas vidas.

Notas

1. Dentro da tradição hindu os sannyasins, os “buscadores renunciantes”, viravam as costas para o mundo e seus prazeres em busca da iluminação. A partir de 1970, Osho começou a chamar os seus adeptos de neosannyasins. Esses novos sannyasins desfrutavam do mundo profano, apesar de vestirem o laranja dos renunciantes do passado. É o ideal de “Zorba, o Buda”: capaz de viver tudo o que o mundo tem a oferecer e meditar, conectando-se com a sua interioridade (SENTIS, 2013).

2. Segundo Perls (1979) a figura é o centro das atenções do organismo num determinado momento. O fundo é o contexto da figura. Os dois juntos formam a Gestalt. É constante a troca entre figura/fundo; as figuras vão constantemente substituindo umas às outras, voltando ao fundo quando satisfeitas. Cabe dizer que o autor do artigo não foi tão fiel às definições de Perls (1979); usou figura/fundo como metáforas da situação do corpo dentro da Psicanálise e outras abordagens terapêuticas que surgiram dela.

3. De volta porque, segundo Young (2006), o corpo e seus sintomas faziam parte da investigação e tratamento da condição histórica. Nesse campo, vale destacar o trabalho pioneiro do psiquiatra francês Pierre Janet. Foi a partir de Breuer e Freud (1895/1996) que a psicoterapia se tornou um ofício exclusivamente verbal.

4. O mala é um colar de 108 contas usado pelos seguidores de Osho. Vem com um relicário; dentro dele, uma foto do mestre. Segundo Osho, é uma forma dos discípulos

lembrarem sempre da presença dele. A ideia veio, segundo Vaidya (2017), de Laxmi, a secretária de Osho e sua primeira neosannyasin.

Referências

- BOADELLA, David. *The fall of the light-bearer*. Self & Society: An International Journal for Humanistic Psychology, v. 15, n. 5, p. 229-232, 1987.
- BOADELLA, David. *Violence in therapy*. Energy & Character, v. 11, n. 1, jan. 1980.
- BREUER, Joseph; FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria*. In: STRACHEY, J. (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2, p. 11-350. (Trabalho original publicado em 1895).
- DE SÁ, José Felipe Rodriguez. *O débito de Osho com Wilhelm Reich. Parte 1: os escritos*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). *25º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais. Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. ISBN 978-85-69218-04-3. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- DILLON, Aneesha Laura. *Osho, Reich e tantra: a jornada da energia humana desde suas raízes animais ao seu florescimento espiritual*. Belo Horizonte: Pulsation, 2013.
- FOUDRAINE, Jan. *Quem é de pedra? Um novo caminho para a psiquiatria*. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.
- MANN, William Edward. *Orgônio, Reich & Eros: a teoria da energia vital de Wilhelm Reich*. São Paulo: Summus, 1989.
- OSHO. *O livro orange: meditações de Osho*. São Paulo: Cultrix, 2004. (Trabalho original publicado em 1980).
- PERLS, Frederick Salomon. *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus, 1979.
- REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SENTIS, Vikrant Alejandro. *Osho en el camino de Esalen a Poona: una historia de la psicología humanista-transpersonal*. Chile: J. C. Sáez, 2013.
- VAIDYA, Abhay. *Who killed Osho?*. New Delhi: Om Books International, 2017.
- YOUNG, Courteney. *One hundred and fifty years on: The history, significance and scope of body psychotherapy today*. Body, Movement, and Dance in Psychotherapy, v. 1, n. 1, p. 17-28, mar. 2006.
- YOUNG, Courteney. *The history and development of Body-Psychotherapy: The American legacy of Reich*. Body, Movement, and Dance in Psychotherapy, v. 3, n. 1, p. 5-18, abr. 2008.

YOUNG, Courteney. *The history and development of Body-Psychotherapy: European diversity*. Body, Movement, and Dance in Psychotherapy, v. 5, n. 1, p. 5-19, abr. 2010.

YOUNG, Courteney. *The history and development of Body-Psychotherapy: European collaboration*. Body, Movement, and Dance in Psychotherapy, v. 6, n. 1, p. 57-68, abr. 2011.

Credenciais dos autores

José Felipe Rodriguez de Sá

Bacharel em Psicologia pela Universidade Salvador. Especialista em Psicoterapia Analítica no Instituto Junguiano da Bahia - Salvador/BA. Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Cursando Especialização em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como Psicoterapeuta Corporal Reichiano, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR. zefelipe@yahoo.com

Sandra Mara Volpi

Psicóloga (CRP-08/5348), Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT). Mestre em Tecnologia. Diretora do Centro Reichiano. Curitiba/PR, Brasil. sandra@centroreichiano.com.br

Como citar este artigo

SÁ, José Felipe Rodriguez de; VOLPI, Sandra Mara. O débito de Osho com Wilhelm Reich. Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal, Curitiba, v. 23, p. 56-66, 2022. e-ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/artigos/o-debito-de-osho-com-wilhelm-reich/>. Acesso em: 04/06/2026.